

Márcia Moreira de Araújo  
Carlos Jordan Lapa Alves  
(Organizadores)

# EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO 2



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

Márcia Moreira de Araújo  
Carlos Jordan Lapa Alves  
(Organizadores)

# EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO 2



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant'Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## Educação: minorias, práticas e inclusão 2

**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Correção:** Vanessa Mottin de Oliveira Batista  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadores:** Marcia Moreira de Araújo  
Carlos Jordan Lapa Alves

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação: minorias, práticas e inclusão 2 / Organizadores  
Marcia Moreira de Araújo, Carlos Jordan Lapa Alves. –  
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-034-3

DOI 10.22533/at.ed.343211805

1. Educação. I. Araújo, Marcia Moreira de  
(Organizadora). II. Alves, Carlos Jordan Lapa (Organizador).  
III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

Neste momento contemporâneo e avassalador, que minimiza nossa potência de agir, esse livro é um “respirar leve”, e traz consigo outras possibilidades de pensar, fazer e viver a educação neste contexto que inclui e reverbera liberdades e multiplicidades do agir democrático, fora dos padrões colonizados em nossas mentes por séculos.

Inspirados em nossos estudos, temos a urgência em entender como que uma sociedade inteira não se reduz a vigilância e propõe micro-liberdades individuais e coletivas. Junto a Certeau(1994) , problematizamos neste espaço: “que procedimentos populares (também minúsculos e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não ser para alterá-los? Que táticas e artes de fazer engendram nas tramas da vida que formam uma contrapartida, do lado dos consumidores (ou “dominados”), dos processos silenciados que organizam as micropolíticas e formam as subjetividades diversas?

Eis, portanto, nossa grande missão neste livro: propiciar momentos, debates, críticas e litigar com poderes que permeiam o campo educacional tornando-o tradicional, excludente e retrogrado. A educação do presente não pode e não deve ser desconectada da realidade social, da diversidade étnica, de gênero, religiosa e de crença que a sociedade vive. Talvez, essa seja a hora de derrubar os muros que ergueram em volta das escolas para que este lugar seja de todos e todas.

Pensar raça, gênero, sexualidade, exclusão, inclusão, feminismo, machismo e interseccionalidade no contexto escolar é obrigação de educadores e educadoras neste momento histórico no qual as bases democráticas estão constante tensão. Não cabe a escola e aos professores o papel de agente passivo, mas ações veementes e fortes a favor da luta pela igualdade, equidade e qualidade educacional para todas as crianças de todas as crenças.

Em um país onde as Casas de Leis perdem tempo propondo projetos para inibir e coibir o fazer docente, por exemplo, projeto de Lei 4893/20 que busca criminalizar professores que debatem assuntos ligados a gênero e sexualidade, a balança do poder deve agir criando reações de contrapoder: ao silêncio o barulho, a ordem a desordem, a punição a revolta. Nunca cabe a um docente o papel de submissão, mas ação, a criticidade.

Esperamos que o leitor, ou a leitora, faça produções fecundas e inventivas a partir desta proposição de textos que apresentam uma subversão no espaço educativo nos múltiplos modos de aprendizagens. Desejamos que as apostas sejam a captura do que escapa dos modos imperativos de educação, e que as possibilidades de invenção e criação reverberem na prática docente por uma educação mais condizente com o que a humanidade vem liberando como demandas sociais.

Desejamos uma excelente aventura literária e formativa!

Marcia Moreira de Araújo  
Carlos Jordan Lapa Alves

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

#### **ENSINO HÍBRIDO: *PODCAST* COMO INSTRUMENTO AUXILIATÓRIO DE PREPARAÇÃO PARA O ENEM**

Lucas Antonio Xavier  
Bruna Carraro de Oliveira  
Chirlei de Fátima Rodrigues  
Ruanna Bourguignon Gava Ribeiro  
Luzinete Louzada Bianchi Kahowec  
Simone Vieira Sant'Anna Fardim  
José Izaias Moreira Scherrer Neto  
Luciano Carneiro Cardozo  
Unir Andrade Rabelo Júnior

**DOI 10.22533/at.ed.3432118051**

### **CAPÍTULO 2..... 15**

#### **A AVALIAÇÃO DE ALUNOS SURDOS EM ESCOLAS COMUNS: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS E INSTRUMENTOS AVALIATIVOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM**

Zanado Pavão Sousa Mesquita  
Marcella Arraes Castelo Branco  
Elenice de Alencar Silva

**DOI 10.22533/at.ed.3432118052**

### **CAPÍTULO 3..... 28**

#### **A DIFERENÇA COMO CARACTERÍSTICA FUNDAMENTAL: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

Felipe Miranda Zanetti

**DOI 10.22533/at.ed.3432118053**

### **CAPÍTULO 4..... 40**

#### **A EDUCAÇÃO BÁSICA ENQUANTO DIREITO SOCIAL: UM PANORAMA HISTÓRICO A PARTIR DAS LDBENs BRASILEIRAS**

Miguel Rodrigues Netto

**DOI 10.22533/at.ed.3432118054**

### **CAPÍTULO 5..... 54**

#### **A DANÇA COMO INSTRUMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA**

Ana Carolina Nascimento Lira  
Roseli Fernandes Lins Caldas

**DOI 10.22533/at.ed.3432118055**

### **CAPÍTULO 6..... 65**

#### **A EDUCAÇÃO DE ÓRFÃOS NAS MINAS COLONIAIS: ESTRATÉGIAS EDUCATIVAS CONFORME O SEXO DOS TUTORES E TUTELADOS**

Leandro Silva de Paula

**DOI 10.22533/at.ed.3432118056**

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>78</b>
A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO REGULAR	
Janaina Ribeiro Pireda Teixeira Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3432118057</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>90</b>
A LINGUAGEM ADAPTATIVA: ROMPENDO BARREIRAS NO PROCESSO DE INCLUSÃO	
Antonia Diniz	
Valdirene Nascimento da Silva Oliveira	
César Gomes de Freitas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3432118058</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>101</b>
A NOVA RACIONALIDADE TÉCNICA DO TRABALHO DO PEDAGOGO NA ESCOLA PÚBLICA DO ESTADO DO PARANÁ: POSSIBILIDADES E LIMITES	
Clarice Schneider Linhares	
Laurete Maria Ruaro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3432118059</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>112</b>
A INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NO ENSINO SUPERIOR	
Rodrigo Parras	
Elaine Cristina da Silva Zanesco	
Márcia Aparecida Amador Mascia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34321180510</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>125</b>
A PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL ACERCA DA DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	
Mirna Cristina Silva Pacheco	
Cristina Maria Carvalho Delou	
Ediclea Mascarenhas Fernandes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34321180511</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>133</b>
A SUBSTANCIALIDADE DA SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO: IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL E TRANSGRESSÃO DA LGBTFOBIA	
Glauber Carvalho da Silva	
Letícia da Silva Paz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34321180512</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>144</b>
ADVOCACY, COMUNICAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA SOBRE A TUBERCULOSE	
Raimunda Hermelinda Maia Macena	
Liandro da Cruz Lindner	
Carla Patrícia Almeida	

José Carlos Veloso Pereira da Silva  
Antonio Ernandes Marques da Costa  
Neide Gravato da Silva  
Giselle Raquel Israel  
Ezio Távora dos Santos Filho

**DOI 10.22533/at.ed.34321180513**

**CAPÍTULO 14..... 156**

**A POLÍTICA PÚBLICA DO SISTEMA DE PROTEÇÃO ESCOLAR DA SEE/SP: ANÁLISE DO CASO DA DIRETORIA DE ENSINO REGIÃO DE TAQUARITINGA**

Paulo Cesar Cedran  
Chelsea Maria de Campos Martins

**DOI 10.22533/at.ed.34321180514**

**CAPÍTULO 15..... 166**

**AUTISMO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA PARCERIA DOCENTE x DISCENTE**

Elizabeth R. O. Pereira  
Edicléa Mascarenhas Fernandes  
Franklin José Pereira  
Nathalia R. O. Habib Pereira  
Victor R. O. Habib Pereira

**DOI 10.22533/at.ed.34321180515**

**CAPÍTULO 16..... 177**

**AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Maria Aparecida de Oliveira Lage  
Urbano da Silva Batista  
Leidiane Chaves da Cruz  
Valdeis Correa Baiense  
Lúbia Mara Carvalho Costa Teixeira

**DOI 10.22533/at.ed.34321180516**

**CAPÍTULO 17..... 190**

**AVALIAÇÃO ESCOLAR PARA ALUNOS ESPECIAIS: IMPORTÂNCIA DA IMPLEMENTAÇÃO E UTILIZAÇÃO DA SALA DE RECURSOS PEDAGÓGICOS**

Anelise Kologeski

**DOI 10.22533/at.ed.34321180517**

**CAPÍTULO 18..... 204**

**DESAFIOS E LIMITAÇÕES ÀS PRÁTICAS EDUCATIVAS EM ESTABELECIMENTO PRISIONAL**

Maria do Carmo Soares de Almeida  
Susana Henriques

**DOI 10.22533/at.ed.34321180518**

<b>CAPÍTULO 19.....</b>	<b>214</b>
CONFEÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS ADAPTADOS SOBRE PROPRIEDADES ESPECÍFICAS DA MATÉRIA PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL	
Aires da Conceição Silva	
Ana Paula Bernardo dos Santos	
Ana Paula Sodré da Silva Estevão	
Anne Caroline da Silva Rocha	
Matheus Silva de Oliveira	
Thamiris Pereira Cid	
Vanessa de Souza Nogueira Penco	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34321180519</b>	
<b>CAPÍTULO 20.....</b>	<b>233</b>
DESIGUALDADES EDUCACIONAIS E PARTICIPAÇÃO FAMILIAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO CONTEXTO DA PANDEMIA	
Gilca Janiele Pereira da Silva	
Mirian Nunes de Carvalho Nunes	
Tyla Mendes Ricci	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34321180520</b>	
<b>CAPÍTULO 21.....</b>	<b>244</b>
DIÁLOGOS ENTRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E VIGOTSKI: A MEDIAÇÃO E O PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR DE UM ESTUDANTE COM SÍNDROME DE ASPERGER	
Rochele Karine Marques Garibaldi	
Gabriella Carvalho Motta	
Lavine Rocha Cardoso Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34321180521</b>	
<b>CAPÍTULO 22.....</b>	<b>260</b>
EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS COMO ALTERNATIVA À DOCTRINA DO CHOQUE	
Geziela Iensue	
Gabrielly Carvalho Alves	
Karoline Santana	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34321180522</b>	
<b>CAPÍTULO 23.....</b>	<b>273</b>
EDUCAÇÃO INCLUSIVA: SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS E SEU PAPEL NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	
Karina Edilaini da Silva Barros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34321180523</b>	
<b>CAPÍTULO 24.....</b>	<b>280</b>
A "EX-POSIÇÃO" NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: A COOPERAÇÃO COMO PROCESSO DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO	
Nathalia Castro dos Santos	
Edmar Reis Thiengo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34321180524</b>	

<b>CAPÍTULO 25.....</b>	<b>301</b>
<b>INCLUSÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO SUPERIOR: OS DESAFIOS DESSA PRÁTICA</b>	
Rosangela Teles Carminati Soares	
Andreia Nakamura Bondezan	
Eliane Pinto de Góes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34321180525</b>	
<b>CAPÍTULO 26.....</b>	<b>314</b>
<b>INCLUSÃO ESCOLAR DO ALUNO COM SÍNDROME DE <i>DOWN</i>: DESAFIOS, AVANÇOS E LEGISLAÇÃO</b>	
Marli Ferreira de Carvalho Damasceno	
Raqueline Castro de Sousa Sampaio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34321180526</b>	
<b>CAPÍTULO 27.....</b>	<b>328</b>
<b>E VIVERAM FELIZES MATEMATICANDO COM O AUXÍLIO DO <i>MOUSEKEY</i> PARA SEMPRE...</b>	
Leonice Elci Rehfeld Nuglisch	
Deise Maria Kaszewski Meneguello	
<b>DOI 10.22533/at.ed.34321180527</b>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES .....</b>	<b>334</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>335</b>

# CAPÍTULO 5

## A DANÇA COMO INSTRUMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

*Data de aceite: 01/05/2021*

*Data de submissão: 05/02/2021*

### **Ana Carolina Nascimento Lira**

Universidade Presbiteriana Mackenzie  
São Paulo – SP  
<http://lattes.cnpq.br/4145240962866805>

### **Roseli Fernandes Lins Caldas**

Universidade Presbiteriana Mackenzie  
São Paulo – SP  
<http://lattes.cnpq.br/4762365735230087>

**RESUMO:** O preconceito instituído na sociedade rotula a pessoa com deficiência como aquela que é incapaz de realizar as atividades que uma pessoa sem deficiência realiza. O Método Fernanda Bianchini adaptou a técnica do ballet clássico permitindo que a pessoa com deficiência consiga ultrapassar os obstáculos que possui e possa dançar assim como as pessoas sem deficiência. Fundamentado na teoria histórico-cultural, baseada nos estudos do psicólogo Lev Vigotski, este capítulo retrata uma pesquisa de campo, cujos participantes foram: pessoas com deficiência visual que praticam ballet clássico, professores e familiares dos bailarinos. Além das entrevistas semi dirigidas foram realizadas também observações na Associação Fernanda Bianchini - Cia Ballet de Cegos [AFB], com o objetivo de compreender como a dança pode ser um instrumento de desenvolvimento para a pessoa com deficiência. Dentre os resultados destaca-se que a dança, em especial o ballet

clássico, evocou mudanças e desenvolvimento das pessoas com deficiência, possibilitando que experimentassem um novo mundo que a cultura não lhes permitia antes.

**PALAVRAS - CHAVE:** Psicologia, inclusão, ballet, pessoa com deficiência, preconceito.

### **DANCE AS AN INSTRUMENT TO DEVELOPMENT OF PEOPLE WITH DISABILITIES**

**ABSTRACT:** Prejudice instituted in society labels a person with disability as one who is unable to perform the activities that a person without a disability performs. The Fernanda Bianchini Method adapted the classical ballet technique allowing the person with disabilities to overcome the obstacles they have and can dance as well as people without disabilities. Based on the historical-cultural theory, based on studies of the psychologist Lev Vigotski, this chapter portrays a field research, whose participants were: visually impaired people who practice classical ballet, teachers and family members of the dancers. In addition to semi-directed interviews, observations were also made at the Fernanda Bianchini Association - Cia Ballet de Cegos [AFB], with the aim of understanding how dance can be a producer of development for people with disabilities. Among the results, it is noteworthy that dance, especially classical ballet, evoked changes and development of people with disabilities, enabling them to experience a new world that culture did not allow them before.

**KEYWORDS:** Psychology, inclusion, ballet, disabled person, prejudice.

## 1 | INTRODUÇÃO

O desenvolvimento das funções mentais superiores, segundo Vigotski, se dá a partir das experiências culturais que cada pessoa tem ao longo da vida. Entretanto, toda a cultura “é calculada para a pessoa dotada de certos órgãos – mão, olho, ouvido – e de certas funções cerebrais” (VIGOTSKI, 2001, p. 867). Sendo assim, o desenvolvimento da pessoa com deficiência não foi elaborado a partir dos padrões culturais, ou seja, essa categoria de pessoas é, muitas vezes, excluída desse processo. A deficiência pode causar obstáculos no desenvolvimento, mas esses obstáculos estimulam que sejam realizadas adaptações, produzindo assim novas experiências de desenvolvimento, ampliando o desenvolvimento cultural (VIGOTSKI, 2001). Desta forma, o processo de socialização é marcado por preconceitos em relação à pessoa com deficiência, já que em sua maioria a caracteriza como aquela que é inferior e incapaz, independentemente das características individuais que ele possua (CROCHIK, 1995), e que, portanto, precisa adaptar-se à cultura já existente ou ficará excluída dela.

Em consequência disso, foram criadas diversas reivindicações por inclusão social de muitas frentes que conquistaram algumas ações sociais, as quais tiveram maior adesão no âmbito da educação, sendo assim, mesmo que tardiamente, a orientação inclusiva passa a ser efetiva dentro das escolas regulares (SILVA, 2006). Por muito tempo a educação de pessoas com deficiência caminhava separada da educação regular, a declaração de Salamanca em 1994 foi o estopim para o pensamento diferenciado desta educação inclusiva, uma vez que assegura a educação para pessoas com deficiência como parte integrante do sistema educacional (BRASIL, 1994). A partir disso, novas leis foram sendo criadas para expandir este campo da inclusão, e com isso foi instituída a lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015, Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Em seu artigo segundo, essa lei define a pessoa com deficiência como aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. Além disso, no artigo vinte e sete afirma que é dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação. Desta forma a lei mais atualizada a respeito da inclusão das pessoas com deficiência nas escolas foi criada em 2015, porém ainda têm sido realizados inúmeros esforços considerando-se que não há um padrão único a ser utilizado para a inclusão educacional. Sendo assim diferentes manejos vem sendo testados. Uma das formas para incluir as pessoas com deficiência é por meio da arte.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) a Arte na escola é considerada matéria obrigatória, assim como Educação Física, Língua Portuguesa, Matemática, Mundo

Físico e Realidade Social e Política, enfatizando-se o conhecimento do Brasil. O ensino de Arte necessariamente deve estar integrado à proposta pedagógica e com isso deve promover um conhecimento do aluno nas diversas linguagens das artes (visual, cênica, música e dança), exigindo que se faça uma interface com todas as disciplinas do currículo escolar, não sendo apenas uma distração ou recreação para os alunos. Deste modo, PCNs enfocam que o trabalho com as linguagens artísticas deve ser priorizado na educação assim como as outras matérias, em todas as suas frentes.

De acordo com as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, os alunos com deficiência devem estar assegurados de ter uma educação de qualidade, assim como os alunos regulares (BRASIL 2001), tornando assim a escola, realmente um ambiente de inclusão. Desta forma cabe ao professor integrar todos os alunos utilizando também as linguagens artísticas no processo de ensino-aprendizagem, de modo a potencializar o desenvolvimento de seus alunos. Vale lembrar que cada aluno é único e que seus limites devem ser respeitados, principalmente quando falamos de pessoas com deficiência, entretanto, diferentes manejos podem ser encontrados para incluí-los neste processo, mesmo que possuam alguma restrição. Um exemplo disso está descrito no texto de Ligia Assumpção Amaral (2004), em que a autora relata como era sentir-se excluída das atividades de educação física, na escola, por ter restrições físicas e com isso sempre recebia o título de “café com leite”. Entretanto, uma professora de ginástica tomou a iniciativa de inseri-la nas atividades junto com as outras crianças respeitando suas restrições, possibilitando que ela conseguisse participar das aulas e se desenvolver até mesmo nas atividades que ela própria não acreditava ser possível.

Pode-se entender a importância do ensino da linguagem artística através da proposta de Vigotski (1999) sobre a Psicologia da arte. Para ele a arte é uma produção humana, ou seja, não possui uma explicação mística ou religiosa, uma vez que Vigotski acredita que a produção de arte surge a partir da vida humana, com suas experiências e relações, e dessa forma ela também é elaborada no homem. Sendo assim a arte não só contagia o homem, ela também provoca alterações e potencialidades em seu desenvolvimento. Entretanto, “a obra de arte não se constitui em cópia fiel da realidade objetiva, mas em algo novo, fruto de ação criativa que se transforma em produto cultural” (BARROCO, S.M.S. & SUPERTI, T., 2014, p. 23).

Desta forma, considerar a arte como prioridade da educação, pode proporcionar aos alunos novas relações e experiências, permitindo que possam refletir em relação à arte, e que eles desenvolvam uma vivência com a arte mais elaborada do que o modo como é vista pelo prisma do senso comum.

Baseado nas experiências de senso comum, quando se imagina um bailarino, logo se projeta uma pessoa do sexo feminino, alta, esbelta, branca, alongada, leve e sem nenhuma deficiência. Porém partindo do princípio de que a arte é uma produção da vida humana, tais estereótipos criados no século XVI pela corte italiana caem por terra. A dança que vem

sendo realizada hoje é adaptada à cultura atual. Desta forma, a dança inclusiva vem sendo valorizada desde a década de 80, uma vez que o privilégio ao corpo tido como perfeito, ou seja, não deficiente, vem sendo desconstruído. A partir disso, a dança inclusiva começa a ser aceita como linguagem artística e não mais como reabilitação para pessoas com deficiência. Entretanto não é possível cindir totalmente o conceito de arte do de reabilitação neste caso, pois mesmo que o foco seja exclusivo na arte, os movimentos realizados acabam indiretamente sendo uma forma de reabilitação para as pessoas também (SOUZA, 2009).

Outro ponto a ser levantado é a diferença entre a dança de reprodução e a dança autoral. Na dança de reprodução as pessoas com deficiência buscam reproduzir os mesmos movimentos, na medida do possível, que as pessoas sem deficiência realizam, assim como no Ballet Clássico de Repertório no qual existem os passos pré-estabelecidos para todas as coreografias. Já na dança autoral as pessoas são intérpretes-criadoras e o corpo que dança não precisa realizar uma cópia daquilo que o outro está realizando, e sim encontrar dentro de si diversas maneiras de dançar e explorar as partes do seu corpo seja ele com ou sem deficiência. Em ambas as técnicas de dança o corpo deficiente é desafiado, seja para realizar uma reprodução ou para criar, e, assim o público que assiste é mais desafiado ainda por assistir uma dança fora dos estereótipos culturalmente criados.

Assim, inclusão social de pessoas com deficiência e os impactos da arte no desenvolvimento psíquico revelam-se temas extremamente caros ao campo da Psicologia.

## **2 | OBJETIVOS**

Este trabalho teve como objetivo refletir sobre a psicologia e a inclusão de pessoas com deficiência, buscando compreender como a arte pode ser facilitadora deste processo. Foi elaborada uma breve contextualização dos processos históricos tanto da inclusão, como da arte, a fim de estreitar as relações entre elas. A dança, em especial, vem sendo utilizada como ferramenta, uma vez que para dançar não é preciso ter o corpo perfeito, apenas perceber o corpo que está em constante movimento, seja este externamente e visível, ou internamente e pouco aparente. Com isso, buscou-se investigar os efeitos e benefícios da arte para as pessoas com deficiência.

Desta forma esta pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, teve como justificativa social dar voz às pessoas com deficiência, permitindo que expressassem como a dança influencia suas vidas, e como foi o processo de ensino-aprendizagem dessa arte. Além disso, esta pesquisa buscou também fortalecer o campo de estudo, dada a escassez de trabalhos sobre a intersecção entre psicologia, deficiência e dança.

### 3 | MÉTODO

O interesse pela escolha desse tema ocorreu em decorrência das experiências anteriores com dança e com pessoas com deficiência, porém separadamente. Para investigar a relação existente entre dança e deficiência é fundamental uma vivência do (a) pesquisador(a), para que ele (a) possa entender compreender o funcionamento do processo e também ser afetado por ele. Deste modo, o estudo desta temática possibilitou, para além da aproximação com as vozes das pessoas com deficiência, a produção de conhecimento a partir da realidade no campo de estudo (MINAYO, 1994).

Desta forma foi realizada uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfica, ou seja, houve uma interação com a situação estudada, a partir de relatos de bailarinos com deficiência visual, participantes da Associação Fernanda Bianchini - Cia Ballet de Cegos<sup>1</sup> [AFB], tornando possível uma comunicação sensível entre pesquisa, pesquisadora e pesquisados. Deste modo, as entrevistas e os documentos tiveram o caráter de aprofundar e contextualizar essa partilha sensível de experiências, característica fundamental da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico. (ANDRÉ, 2009)

Foi realizado um trabalho de campo, no qual a pesquisadora conviveu com o público estudado. Os participantes foram: pessoas com deficiência visual que praticam ballet clássico e as pessoas que possuem vínculo com eles, como por exemplo, professores e familiares dos bailarinos, permitindo que a pesquisa tivesse uma maior abrangência (MINAYO, 1994). Foram realizadas inicialmente algumas observações do trabalho elaborado na Associação Fernanda Bianchini - Cia Ballet de Cegos [AFB], que foram registradas pela pesquisadora em um diário de campo, posteriormente, para complementar, foram realizadas entrevistas semidirigidas com os participantes voluntários. A entrevista semidirigida foi escolhida, pois permite que as mesmas informações sejam coletadas e desta forma podem ser comparadas. Além disso, como não são perguntas objetivas, as respostas, mesmo que semelhantes, contêm a singularidade de cada participante. Essas entrevistas semidirigidas foram gravadas e transcritas pela pesquisadora e antes da finalização da pesquisa, os participantes receberam as transcrições para avaliarem se permitiam a publicação de seus relatos, ficando à vontade para fazerem modificações, inserções ou exclusões nos registros. Esta iniciativa teve como objetivo respeitar a opinião dos participantes e possibilitar que houvesse menos rigidez durante a entrevista, o que favoreceu a interação entre a pesquisadora, os participantes que puderam contar sua história com termos pessoais e liberdade. (BOGDAN e BIKLEN, 2010)

O primeiro contato com o campo de estudo foi realizado por meio de uma conversa com a coordenadora da Associação Fernanda Bianchini - Cia Ballet de Cegos [AFB], uma vez que a instituição ministra aula de ballet para pessoas com deficiência. Nesta conversa foi transmitido o objetivo do trabalho, verificando-se a possibilidade de realizar as

---

<sup>1</sup> <https://www.associacaofernandabianchini.org/>

observações e entrevista semi dirigidas com os alunos voluntários. Com a autorização da coordenadora, foram feitas observações das aulas de ballet clássico da Cia Ballet de Cegos [AFB]; entrevistas com cinco bailarinas com deficiência, dentre elas deficiência visual, física e intelectual; duas entrevistas com professores, bem como três entrevistas com as mães de algumas bailarinas. Para que as pessoas autorizassem a publicação dos seus relatos foi entregue o termo de consentimento livre esclarecido, tendo-se todos os cuidados éticos necessários. Para os participantes cegos o termo foi lido pela pesquisadora, para que eles compreendessem e retirassem suas dúvidas.

Mesmo que a princípio esta pesquisa tenha sido focada nos alunos de ballet da Associação Fernanda Bianchini - Cia Ballet de Cegos [AFB], seus professores, familiares e alunos sem deficiência também foram considerados participantes. Os dados foram coletados a partir das entrevistas e observações, e em seguida os discursos foram analisados e comparados às informações obtidas nas observações. Na análise, os discursos foram categorizados de acordo com as frequências de respostas das entrevistas, cada resposta pertenceu a apenas uma categoria não podendo repetir-se, em seguida os discursos foram comparados entre categorias e analisados com base na revisão bibliográfica levantada (MINAYO, 1994). O diário de campo permitiu que a pesquisadora inserisse também suas impressões e experiências vividas nesta relação. Desta forma o trabalho foi uma construção conjunta entre participantes e pesquisadora.

A pesquisa teve enfoque nos processos e não no resultado final, pois se tratando de inclusão não existe um produto a ser entregue, e sim uma cultura que estará em constante construção, e como a cultura é transmitida, fazê-la de forma diferente para que o preconceito não seja perpetuado (CROCHÍK, 1995), é fundamental. A transcrição dos relatos, tal qual foram ditos, permitindo que o participante avaliasse o que seria publicado, favoreceu essa construção da cultura, uma vez que esse trabalho foi produzido coletivamente, e não apenas focado na pesquisadora ou no pesquisado.

## **4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O ballet clássico desde a sua origem é uma dança excludente, uma vez que é uma dança secular, com uma técnica específica, criado para exibir para a corte e países estrangeiros o poder econômico da França. Nessa técnica se esperava que a bailarina tivesse como características a verticalidade corporal mantida pela noção de eixo alinhado à coluna vertebral e por um corpo magro e leve, além de todos os adornos que constituía a coreografia (ANJOS; OLIVEIRA; VELARDI, 2015). Entretanto com a popularização do ballet, ele foi sendo “permitido” para outros públicos e foi sofrendo algumas transformações em sua metodologia. Entretanto a pessoa com deficiência ainda enfrenta algumas dificuldades para ser aceita em certas academias, como relatado pela bailarina G:

*“Eu comecei o ballet depois de adulta. Infelizmente na minha época, que eu não sou tão novinha, tinha muito preconceito em relação ao deficiente visual na dança e muitas escolas me negaram a possibilidade de fazer aula.” (sic).*

O método de ballet para cegos, desenvolvido por Fernanda Bianchini, surgiu a partir de uma necessidade de ministrar aulas de ballet para crianças cegas, tendo sido necessária a criação de adaptações específicas para essas pessoas. Esse método é pautado na imitação dos movimentos através da propriocepção tátil, ou seja, o aluno toca no corpo do professor para entender o movimento, desde a direção, força e suavidade deste. Além disso, os movimentos são ensinados de forma lúdica e concreta para que os alunos possam assimilar melhor (BIANCHINI, 2005). De acordo com a necessidade, esse método foi expandido para o ensino de pessoas com qualquer deficiência, para além da deficiência visual.

A definição da pessoa com deficiência proposta pelo Estatuto da Pessoa com Deficiência indica que barreiras podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2015). Entretanto, neste estudo, a partir dos relatos de pais, professores e das observações em campo não havia distinção entre bailarinas cegas e videntes no palco, ou seja, verificou-se uma igualdade entre elas, mesmo em relação a esta grande barreira de apresentar-se no palco, espaço com dimensões definidas.

Permitir que a pessoa com deficiência seja aplaudida de pé por pessoas sem deficiência, após uma apresentação de ballet, é uma experiência que transcende o preconceito velado existente em nossa sociedade, pois frente a uma pessoa com deficiência, como retratado em muitos relatos, a sociedade julga que são coitadas e incapazes e, a depender a deficiências, chegam a serem repudiadas por não seguirem o padrão estético de uma pessoa sem deficiência. Embora a inclusão de pessoas com deficiência em diversos campos esteja ganhando espaço, quando uma pessoa sem deficiência se depara com uma pessoa que perdeu a visão após o uso de uma medicação para dor, por exemplo, o medo de passar pela mesma situação a paralisa, e muitas vezes instala-se aí o afastamento e preconceito. Além disso, tratar a pessoa com deficiência com quem tem super poderes, por haver superado as expectativas nele depositadas, também pode ser uma forma de menosprezá-la e fortalecer preconceitos (CROCHÍK, 1995).

Sendo assim, quando a Cia Ballet de Cegos [AFB] se apresenta, e não distingue pessoas com ou sem deficiência durante a coreografia, permite que o público reflita sobre essa cultura preconceituosa que lhe foi transmitida, ou seja, a arte realiza modificações na sociedade, como aponta a bailarina F.:

*“tem gente que não acredita que a gente pode dançar, e quando elas saem do espetáculo, saem com outro tipo de pensamento” (sic).*

Outro grande benefício obtido nessa Companhia é um programa denominado inclusão às avessas, no qual pessoas que não tem deficiência e também não possuem

condição financeira para custear um curso de ballet clássico, mas desejam dançar, tem oportunidade de dançar junto com as pessoas com deficiência, para que possam realizar seus sonhos e também se permitirem superar preconceitos e estigmas.

A arte é uma produção humana construída a partir das experiências que a pessoa vai adquirindo ao longo da vida, (VIGOTSKI, 1999) e possibilita a superação proposta por Vigotski, uma vez que a pessoa com deficiência precisa desenvolver rotas alternativas criativas para superação das barreiras e promoção de seu desenvolvimento. Durante as entrevistas realizadas, comentários como *“quando eu danço, eu nem lembro que tenho deficiência”* (sic) (bailarina G.), e *“não existe eu não consigo (para mim)”* (bailarina F.) (sic), demonstram como é possível realizar essas adaptações e fazer com que a pessoa com deficiência mostre o seu potencial de criação na arte, concebendo novas experiências para ela e para o público que a assiste.

O ballet foi utilizado como ferramenta de transformação frente aos desafios encontrados pelas pessoas com deficiência que participaram da pesquisa. Relatos compartilhados nos revelaram pessoas que tinham medo de sair de casa, se achavam feias, incapazes de realizar alguma atividade sozinha, antes de dançarem, mas com a prática da dança, mesmo que ainda tivessem barreiras e dificuldades, passaram a se aceitar mais e se encorajarem e fortalecerem para o enfrentamento de outras barreiras. Para isso, não só a técnica de aprendizado de ballet através do toque é um diferencial, mas também a maneira como os professores demonstram que acreditam no potencial delas, possibilita que se permitam acreditar que quando estão dançando *“elas são as estrelas”* (sic) (Professora F.).

Existem algumas deficiências que não são tão perceptíveis, como por exemplo, pessoas com visão subnormal ou baixa visão, que por serem pouco evidentes, acabam sendo “escondidas” pelas pessoas com deficiência visual, para que não sofram preconceito. J., cuja capacidade visual é de 15% ela relata que após sofrer bullying na escola, não revelou a mais nenhuma pessoa que é deficiente visual: *“eu procurava não mostrar que eu tinha um problema de vista, eu procurava ser o mais discreta possível”* (sic). Essa reação de omitir sua deficiência se faz presente porque a pessoa não quer receber o rótulo de deficiente visual, e ser esquecida como pessoa (CROCHÍK, 1995). Em contra partida, dentro da cultura do cego *“isso é um máximo”* (sic), uma vez que conseguem enxergar, mesmo que pouco, e dessa forma quando dançam juntas, *“a gente se sente um pouco responsável por elas”* (sic). Ou seja, na sociedade a baixa visão é desvalorizada, mas diante da comunidade cega, passa a ser vista como recurso de apoio aos pares cegos.

Foi interessante observar também que além de uma metodologia tátil, em que os movimentos são ensinados por meio do toque nos corpos de professores e alunos, os professores também criaram novas adaptações para que pudessem favorecer a aprendizagem, explorando outras possibilidades. Para localizar as pessoas no palco, os professores ficam nas cochias e se comunicam verbalmente com as(os)bailarinas(os).

Além disso, estalam o dedo para que os alunos consigam se localizar em relação à lateralidade, já que não conseguem enxergar para onde devem virar seus corpos. Outra adaptação que elaboraram foi de utilizarem tambor para que a musicalidade ficasse bem marcada e elas não se perdessem na métrica musical. Os professores conseguiram elaborar essas novas estratégias, a partir do momento que se aprofundaram na cultura da pessoa com deficiência, pois com essas barreiras que eles superaram só foi possível devido às experiências (VIGOTSKI, 1999). Sendo assim não só os alunos aprenderam com os professores, mas também os professores tiveram novas experiências educacionais, nunca vividas antes.

Vivemos em uma sociedade individualista e segregada, na qual cada pessoa fica focada apenas em si, e aprende a ter medo de que outras pessoas a toquem. Sendo assim, o toque físico, muitas vezes, não é bem aceito, menos ainda oferecer o seu corpo para que o outro possa se orientar no espaço e também em relação aos movimentos. Com isso, o Método Fernanda Bianchini desafia aqueles que dançam a se permitirem tocar e também serem tocados, para que possam se autorizar a realizar experiências diferentes das estabelecidas pela cultura do preconceito, já que “o preconceito diz mais da pessoa que o exerce do que daquela sobre a qual é exercido” (CROCHÍK, 1995). Ou seja, o vidente por não estar acostumado a ser tocado, muitas vezes, também não se deixa criar novas experiências e transmite a cultura do preconceito, mas quando se permite, como corroborado no relato de N. (professor vidente), acaba se acostumando e valorizando o toque: “algumas coisas eu prefiro tocar para entender” (sic).

A dança inclusiva muitas vezes se confunde com reabilitação (SOUZA, 2009), mas mesmo que as bailarinas, principalmente as que possuem deficiência física, relatem que dançar provoca alterações em seu corpo, como postura e musculatura mais relaxada, a dança inclusiva é mais do que reabilitação, caracteriza-se por uma produção artística. Além das aulas de ballet, na Associação Fernanda Bianchini - Cia Ballet de Cegos [AFB], a (o) bailarina (o) é visto como um todo, sendo assim, não só as pessoas com deficiência fazem aulas de pilates e seções de fisioterapia, possibilitando avanços, de acordo com as limitações do corpo de cada um.

Desta forma, a arte dentro da proposta pedagógica das escolas também pode ser utilizada como uma maneira de inclusão, pois proporcionará experiências tanto para os alunos com deficiência, quanto para os alunos sem deficiência, permitindo que essa relação auxilie no desenvolvimento de ambos. Durante o relato de C., mãe de uma das alunas da Associação Fernanda Bianchini - Cia Ballet de Cegos [AFB], ela cita que o incentivo que a escola proporciona em relação à arte provocou grande melhora na autoestima de sua filha.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão das pessoas com deficiência é um processo que está ainda em andamento, uma vez que a concepção preconceituosa de que a pessoa com deficiência não é capaz de realizar atividades como as demais foi transmitida ao longo de gerações, e transformá-la implicará em persistência e certo tempo. Avançamos muito em relação à inclusão de pessoas com deficiência, mas ainda há muito a se conquistar para que, de fato, haja inclusão de todas e todos em nossa sociedade.

A necessidade de instituir o ensino de arte como matéria obrigatória na proposta pedagógica das escolas brasileiras, proporciona que todos os alunos possam ter experiências diferentes, pois apropriando-nos da teoria de Vigotski para quem a arte é uma produção humana, cada um será impactado de uma maneira singular e subjetiva.

Fazer da arte uma forma de inclusão das pessoas com deficiência é quebrar os estereótipos tanto a respeito da pessoa com deficiência, quanto em relação à arte, pois em ambos os casos a cultura instituiu padrões, que não necessariamente são verdadeiros.

A Psicologia pode trazer grandes contribuições à luta pela inclusão, considerando-se que Educação, Psicologia e Arte têm em comum o desenvolvimento humano, como bem expressam Barroco e Superti (2014):

Podemos entender que a natureza social da arte traz em si a relação com a psicologia uma vez que a sociedade e toda a realidade humana é forjada pelos homens na relação social, por meio do trabalho, e, nesse mesmo movimento, as funções psicológicas superiores são elaboradas e objetivas, isso é, deixam de ser funções meramente biológicas. Assim, ao se produzir arte e ao dela se apropriar, funções psicológicas dos sujeitos também são desenvolvidas. p. 23-24.

O Método Fernanda Bianchini pode proporcionar que as pessoas com deficiência se adaptem às barreiras e se desenvolvam na dança e na vida. A partir dos relatos obtidos nessa pesquisa foi possível compreender que a dança, em especial o ballet clássico, evocou mudanças e desenvolvimento das pessoas com deficiências, possibilitando que elas experimentassem um novo mundo que a cultura não lhes permitia antes.

Finalizamos com o agradecimento à coordenadora da Cia Ballet de Cegos, Fernanda Bianchini, seus alunos, pais e professores que compartilharam tão generosamente suas experiências e permitiram à pesquisadora e aos leitores do artigo resultante da pesquisa, a compreensão de algumas experiências do mundo das pessoas com deficiência e a certeza de que a arte pode ser um excelente caminho para a promoção de desenvolvimento humano a todas as pessoas e em especial às pessoas com deficiência visual.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, L. A., Café com Leite. In: **Resgatando o passado: deficiência como figura e vida como fundo**. São Paulo: Casa do Psicólogo editora, 2004, v. 1.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. 16. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

ANJOS, K. S. S.; OLIVEIRA, R. C.; VELARDI, M., A construção do corpo ideal no balé clássico: uma investigação fenomenológica. **Revista Brasileira de Educação Física e esporte**. São Paulo, v. 29, n. 3, p. 439-452, Set. 2015.

BARROCO, S. M. S., & Superti, T., Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. **Psicologia & sociedade**, 26, 22-31. 2014.

BIANCHINI, F.C. **Ballet clássico para deficientes visuais: Método Fernanda Bianchini**. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2005.

BRASIL. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais**. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1994.

BRASIL. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília: MEC, 2001.

BRASIL. Lei 13.146/2015 <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm)>, acessado em 31 de março de 2017.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Arte. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 2010.

CONSELHO BRASILEIRO DE OFTAMOLOGIA, disponível em < [http://www.cbo.net.br/novo/publico-geral/visao\\_subnormal.php](http://www.cbo.net.br/novo/publico-geral/visao_subnormal.php) >, acessado em 30 de outubro de 2017.

CROCHÍCK, J. L. **Preconceito, indivíduo e Cultura**. São Paulo: Robe Editorial, 1995.

MINAYO, Maria Cecília De Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SILVA, Luciene M. da. **O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência**. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, p. 424-434, Dez. 2006.

SOUZA, V. L., **Deficiências: pensando espaços entre dança e terapia**. Revista entreideias: educação, cultura e sociedade. Salvador, n.16, p.39-50. 2009.

VIGOTSKI, L.S. **A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal**. Rev. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 37, n. 4, p. 863-869, Dez. 2011.

VIGOTSKI, L.S. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alunos 6, 7, 8, 9, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 30, 32, 34, 49, 51, 52, 56, 59, 60, 61, 62, 63, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 93, 94, 96, 100, 104, 105, 106, 107, 109, 113, 114, 117, 118, 119, 123, 129, 130, 131, 133, 134, 136, 140, 141, 157, 158, 159, 160, 163, 170, 172, 173, 174, 175, 177, 178, 179, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 205, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 259, 273, 274, 275, 279, 280, 281, 282, 284, 285, 287, 293, 294, 298, 299, 301, 302, 303, 309, 310, 311, 312, 318, 320, 321, 322, 323, 324, 326

Avaliação 6, 8, 4, 7, 10, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 49, 51, 103, 119, 120, 121, 123, 146, 153, 155, 159, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 193, 195, 196, 205, 207, 215, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 239, 252, 275, 284, 285, 294, 304, 308

Avaliação Diagnóstica 8, 4, 177, 179, 183, 184, 185, 187

Avaliação Escolar 8, 15, 17, 18, 19, 22, 23, 25, 26, 27, 189, 190, 191

### C

Currículo 20, 23, 27, 46, 47, 56, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 98, 100, 104, 106, 111, 182, 183, 189, 192, 194, 196, 197, 202, 208, 211, 217, 274, 309, 310, 320, 321, 324, 325, 326

### D

Deficiência Intelectual 7, 83, 114, 125, 127, 129, 202, 244, 303

Desigualdades Educacionais 9, 233, 238

Diferença 6, 11, 19, 23, 25, 27, 28, 32, 37, 38, 57, 118, 173, 179, 194, 225, 227, 228, 229, 236, 238, 262, 325, 332

Direitos Humanos 9, 123, 145, 166, 201, 208, 260, 261, 264, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 277, 326, 334

Direito social 6, 40, 47, 48, 268

### E

Educação Básica 1, 2, 11, 13, 40, 48, 49, 50, 51, 53, 56, 64, 79, 80, 86, 87, 93, 95, 98, 114, 117, 118, 122, 177, 179, 180, 181, 188, 244, 274, 306, 320, 328, 334

Educação de órfãos 6, 65, 70, 75

Educação Inclusiva 6, 9, 18, 23, 26, 28, 39, 51, 55, 79, 80, 82, 83, 84, 88, 90, 93, 94, 99, 100, 117, 118, 122, 123, 124, 126, 132, 167, 171, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 214, 215, 216, 217, 230, 232, 244, 246, 259, 273, 274, 278, 302, 304, 305, 307, 312, 314, 315, 320, 325

Educação Infantil 9, 22, 48, 49, 50, 83, 87, 88, 95, 140, 179, 233, 237, 241, 242, 246, 247, 254, 302, 318

Enem 6, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Ensino Híbrido 4, 11

Ensino Superior 7, 10, 3, 28, 30, 31, 45, 46, 51, 52, 112, 113, 117, 119, 120, 121, 122, 124, 191, 202, 209, 212, 232, 259, 265, 287, 288, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 320, 321, 322

Escola Pública 7, 3, 10, 42, 101, 108, 157, 246, 247, 274, 275

Escolas Comuns 6, 15, 199

Estabelecimentos Prisionais 208, 211

## I

Instrumentos Avaliativos 6, 15, 16, 19, 23, 25

## L

Legislação 10, 17, 41, 42, 49, 66, 74, 79, 90, 91, 93, 98, 110, 118, 160, 163, 168, 232, 260, 279, 281, 298, 302, 314, 322

Linguagem Adaptativa 7, 90, 91, 93, 95, 97, 98

## M

Materiais Didáticos 9, 199, 214, 217, 225, 226, 227, 230

Mediação 9, 11, 26, 27, 36, 82, 91, 108, 111, 123, 124, 157, 158, 161, 163, 165, 188, 201, 244, 246, 247, 248, 249, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 282, 290, 299, 304

## P

Perspectiva Histórico-Cultural 7, 125, 128, 129, 130, 131

Pessoa com Deficiência 6, 54, 55, 59, 60, 61, 62, 63, 90, 91, 92, 95, 100, 119, 120, 121, 123, 125, 127, 128, 129, 131, 176, 230, 274, 279, 302, 304, 311, 312, 316, 318, 326

Processo de aprendizagem 6, 11, 15, 16, 17, 18, 84, 179, 185, 187, 200, 233, 234, 244

Processo de Inclusão 7, 9, 18, 30, 33, 86, 90, 91, 93, 97, 114, 172, 201, 202, 244, 273, 281, 309, 314, 315, 322

Produção de conhecimento 9, 58, 145, 148, 280, 281, 287, 298

Proteção Escolar 8, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165

## R

Recursos Multifuncionais 9, 199, 200, 201, 202, 273, 275, 278

## S

Sala de Recursos 8, 9, 190, 191, 194, 199, 200, 201, 202, 273, 274, 275, 278, 279, 328, 329, 332

Saúde mental 7, 31, 133, 134, 137, 139, 142, 143

Sexualidade 5, 7, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 299, 334

Síndrome de Asperger 9, 89, 244, 246, 247, 248, 255, 258, 259, 304, 311

Síndrome de Down 10, 314, 315, 321, 322, 324, 325, 326

Surdos 6, 9, 15, 16, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 99, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 122, 123, 124, 280, 281, 284, 287, 291, 294, 298, 299, 300, 319

## **T**

Transgressão 7, 28, 30, 133, 135, 142

Transtorno do Espectro Autista 7, 10, 78, 83, 86, 87, 167, 176, 244, 248, 274, 301, 302, 303, 305, 306, 307, 312

Tutelados 6, 65, 66, 67, 69, 70, 75

Tutores 6, 65, 66, 67, 69, 71, 72, 75, 76

## **V**

Vygotsky 36, 39, 83, 89, 91, 92, 93, 95, 100, 176, 258, 259, 313

# EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO 2

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# EDUCAÇÃO: MINORIAS, PRÁTICAS E INCLUSÃO 2

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)